


*Uma vingança aguardada por décadas.  
Um amor esperado pela eternidade.*

SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*



A  
*Sombra*  
DO PASSADO

NOITES EM FLORENÇA LIVRO 2



*A meus professores, com gratidão*



*Judite e Holofernes, circa 1453-1457, de Donatello*

## PRÓLOGO

1268

*York, Inglaterra*

William não estava correndo.

Por algum tempo ele havia esperado nas sombras perto de um dos portões inferiores da cidade murada de York, seu cavalo amarrado por perto. Sua amada Alicia não aparecera. Os sinos das completas já tinham soado havia muito, então, impaciente e irritado, ele deixou o lugar do encontro secreto e conduziu seu cavalo na direção da casa do pai dela.

O pai de Alicia era um bom homem. Um comerciante bem-sucedido que havia trabalhado muito para chegar ao topo da classe mercante. Mas era anglo-saxão. A origem de Alicia, ainda mais sendo filha de comerciante, a tornava uma esposa inadequada para William aos olhos de sua família normanda e aristocrática.

Mas William a queria. Ele a havia cortejado em segredo e os dois tinham feito planos para se encontrar e fugir para o Norte. Lá eles iriam se casar e, com as poucas joias e objetos que William roubara de sua família, iriam começar uma vida juntos.

Ele era jovem, forte e extremamente inteligente. Alicia era bela, boa e esforçada. Juntos teriam uma vida feliz.

Apesar de ter prometido, Alicia não aparecera.

William praguejou em anglo-normando, sua língua materna, supondo que o pai de Alicia tivesse descoberto o plano de fuga e a houvesse confinado na casa.

Ele a amava. E a teria mesmo se fosse preciso lutar com o pai dela, espada

com espada. Mesmo agora, seu sangue fervia nas veias e seu corpo se tensionava de desejo por ela. Eles haviam concordado em esperar até estarem casados para dormirem juntos, mas isso não os impediu de se beijarem e usufruírem de pequenos prazeres sempre que puderam. Ele estava ansioso por desnudá-la pela primeira vez e aprender os segredos de seu corpo.

Com pensamentos tão prazerosos e sensuais em mente, William tropeçou.

– Pelos ossos do Senhor! – praguejou, soltando as rédeas do cavalo e caindo para a frente.

Ouviu um gemido baixo vindo do solo.

Quando recuperou o equilíbrio, William se debruçou sobre o que parecia ser uma pilha de panos. Um raio de luz da lua saiu de trás das nuvens, iluminando o obstáculo em que tropeçara.

O que ele imaginara ser um monte de tecidos era na verdade uma mulher. Ela usava um manto escuro com capuz, e suas saias tinham sido puxadas até a cintura. A parte inferior de seu corpo estava nua; sangue manchava suas pernas e a fenda entre elas.

William deu um passo para trás, horrorizado.

Ele não poderia deixá-la assim, mesmo que fosse para encontrar ajuda. O rapaz puxou sua pesada saia azul para baixo, cobrindo-a.

A mulher estremeceu e se agitou.

William aproximou o cavalo e estava prestes a montar quando a mulher começou a sussurrar. Ela moveu a cabeça de um lado para outro, suas longas mechas de cabelo escapando do capuz sobre os ombros como uma cortina rasgada.

Algo naquele cabelo o deteve.

Ainda segurando as rédeas, ele se inclinou.

A mulher tinha sido espancada. Seus olhos estavam roxos e um deles fechado por causa do inchaço. Seu rosto estava coberto de sangue, e o lábio, partido.

Ela levantou a mão trêmula enquanto piscava o único olho que conseguia mexer.

William sentiu o chão sumir sob seus pés.

Ele jogou as rédeas de lado e caiu de joelhos.

– Alicia? Alicia, que desgraça!

Ela fechou o olho e tossiu.

Ele a ergueu nos braços, aninhando-a contra o peito.

Quando a moveu, Alicia deu um grito. Ela se mexeu nos braços dele, fraca demais para lutar. Uma única mão trêmula buscou o tecido da saia, puxando-o para se cobrir.

Ver aquele gesto partiu seu coração.

– Alicia. – Sua voz falhava. – Quem fez isso?

– Estranhos. – Ela respirava com dificuldade. – Gritei por ajuda. Ninguém veio.

Os dedos dela puxavam a saia.

– Will – conseguiu dizer, afundando-se nele.

Por um momento ela pareceu manter a respiração, então lentamente seu corpo foi perdendo as forças.

William a apertou junto a seu coração enquanto a vida de sua amada se esvaía daquele corpo.

Ele olhou para o céu escuro e gritou.

## CAPÍTULO 1

*1º de julho de 2013*

*Úmbria, Itália*

O Príncipe de Florença estava parado em frente a uma casa na Úmbria, perturbado.

Já havia prestado reverência à Princesa da região e conseguira evitar suas investidas românticas. Ele aproveitara do corpo dela em ocasiões anteriores – ela era bela, inteligente, vibrante e sensual, como a maior parte das de sua espécie. Naquela noite, porém, achou seus encantos insatisfatórios. Após recusar educadamente o convite dela para fornicar, o Príncipe foi caçar em terras umbrianas com a permissão ressentida da esposa.

Foi fácil localizar o professor Gabriel Emerson e sua família. Ele e sua esposa, Julianne, eram donos da casa majestosa no topo de um morro, as luzes das janelas animando a escuridão. O problema do Príncipe não estava em encontrar os Emersons ou em escapar do abraço da Princesa. Não, seu problema advinha de uma promessa.

Raven Wood era humana, tinha uma beleza pouco convencional e muita coragem. Também costumava proteger os outros, incluindo estranhos. Num momento de ternura, ela exigiu que o Príncipe promettesse poupar a vida dos Emersons. Ele havia feito a promessa de boa-fé, não apenas porque desejava que ela lhe confessasse seu passado misterioso, mas porque se importava com Raven e queria fazê-la feliz.

Desde que ela o abandonara, deixando claro que não aceitaria o fato de ele ser incapaz de amar, o Príncipe sentira-se tentado a descumprir sua promessa e punir o professor por ter a audácia de alegar ser o dono legítimo de

obras de arte roubadas. Não era desculpa ele ter feito isso inadvertidamente. O Príncipe queria vingança e, agora que o único ser humano no mundo que poderia persuadi-lo a ser misericordioso o havia rejeitado, não tinha motivo para abrir mão disso.

Foi com esse estado de espírito que ele chegou a casa. Ouviu Katerine Picton, uma antiga amiga da família, dar boa-noite a seus anfitriões e Clare, a pequena filha dos Emersons, ser colocada na cama no quarto de seus pais.

Esperou impaciente enquanto os Emersons relaxavam na banheira da varanda do quarto.

O Príncipe torceu o nariz assistindo à interminável união conjugal. Parecia que toda vez que encontrava o casal eles estavam metidos numa conjunção carnal. Ficou batendo o pé, numa bota de couro, no chão do jardim, torcendo para que fossem rápidos.

Era uma noite sem estrelas, escura e quieta. O céu era uma abóbada de veludo sobre o Príncipe e a brisa de verão sussurrava em seu ouvido. Enquanto ouvia Julianne gritar de prazer, ele se lembrou de Raven emitindo os mesmos sons enquanto ele a amava.

Cerrou os dentes.

*Amor: um eufemismo gentil para a conjunção de corpos em nome do prazer físico.*

E ainda assim ele não podia fugir do termo quando se referia a ela.

Havia se passado quase um mês desde que ele sentira prazer com uma mulher – quase um mês desde que tivera Raven em sua cama. Ele ainda podia sentir o calor da pele dela, as curvas macias de seu corpo enquanto a acariciava, seu perfume penetrando nas suas narinas.

Mas foi a lembrança de seus olhos verdes que o manteve parado enquanto Julianne beijava o marido e voltava ao quarto do casal. Raven tinha olhos grandes, repletos de sentimentos.

*Você não se cansa da morte?*

A voz dela interrompeu seus pensamentos.

A verdade era que, sim, ele se cansava da morte. Mesmo agora ele se sentia angustiado. Mas o Príncipe se esforçou para sufocar seus temores e escalou a parede da *villa*, ansioso por surpreender o professor quando ele se encontrasse sozinho.

E conseguiu.



– Nos encontramos novamente. – O tom amigável do Príncipe contrastava com sua expressão ameaçadora.

Espantado, Gabriel se levantou da banheira quente, seu corpo nu e molhado reluzindo à luz fraca que vinha do quarto.

– O que você quer? – gritou, fechando os punhos.

– Quero que se cubra, para começar. – O Príncipe jogou para o professor uma toalha que estava perto, olhando-o com nojo.

Gabriel enrolou a toalha ao redor da cintura e saiu da banheira. Posicionou o corpo entre o Príncipe e a porta do quarto, que ele fechou rapidamente.

– Perguntei o que você quer – repetiu o professor, numa postura decididamente defensiva.

– Quero que aquilo que é meu permaneça meu. Gostaria que você parasse de pegar minhas coisas e exibi-las como se fossem suas.

O professor olhou incrédulo para o Príncipe.

– Não tenho nada seu. Vá embora. Agora.

Pelas janelas, por cima dos ombros do professor, o Príncipe observou Julianne acalantar a filha.

– Você tem muitas riquezas. Melhor cuidar delas e não ir atrás do que não é seu.

– Novamente – disse o professor, com raiva –, estou pedindo que vá embora.

O ser sobrenatural balançou a cabeça, estudando o homem com seus frios olhos cinza.

– Ouvi dizer que você tem dificuldade em receber ordens. Percebo que isso é verdade.

– Eu falei para você ir embora. Você também não parece estar ouvindo – respondeu o professor.

– Você roubou minhas ilustrações.

Ao primeiro som de protesto do professor, o Príncipe levantou a mão, silenciando-o.

– Sei que você não as roubou pessoalmente, mas as ilustrações me pertenciam antes de caírem nas mãos da família suíça que as vendeu para você. Eu as peguei de volta e elas devem permanecer comigo. Para sempre.

– Você está mentindo. As ilustrações pertenciam à família havia quase um século.

– Sim. – O Príncipe olhava para Gabriel com um ar desafiador. – Antes disso elas eram minhas.

O professor piscou confuso.

Quando recuperou a compostura, seus olhos azul-safira se estreitaram.

– Foi você que entrou em nosso quarto de hotel em Florença. Eu não pude ver, mas senti sua presença. – Gabriel abaixou o tom de voz. – O que você é?

– O que eu sou é irrelevante. Digamos simplesmente que não sou humano. Também não estou acostumado a discutir com seres humanos ou a dar-lhes uma segunda chance.

Mais uma vez o olhar do Príncipe foi atraído para as figuras da mãe e da filha dentro da casa.

– Você ama sua esposa?

O corpo de Gabriel se retesou.

– Sim.

– O suficiente para morrer por ela?

– Sem hesitar.

Gabriel deu um passo corajoso à frente.

Por um longo tempo, o Príncipe e o professor se encararam. O Príncipe quebrou o silêncio.

– Tenho mais respeito por um homem disposto a viver por sua família do que por um disposto a morrer por ela. Proteja sua esposa e sua filha. Desista de qualquer tentativa de recuperar as ilustrações e convença os italianos a fazer o mesmo.

– Eu paguei caro por elas. Seu argumento não me parece convincente.

Os olhos do Príncipe brilharam e ele rosnou.

O professor deu um passo atrás, o terror estampado em seu rosto.

O vampiro resistiu à vontade de atacar, de exercer seu poder e seu domínio. Lançou um olhar para Gabriel, notando sua tensão, o cheiro da adrenalina correndo por seu corpo, seus batimentos cardíacos acelerados, e se perguntou por que ele não havia fugido.

Gabriel pressionou as costas contra a porta do quarto, deixando claro que o vampiro teria que passar por cima dele para atacar sua família. Ele estava disposto a dar a vida para proteger a esposa e a filha, que permaneciam alegremente alheias lá dentro.

O Príncipe pensou em outro ser humano protetor, uma mulher que quase dera a vida para impedir que um sem-teto fosse espancado até a morte.

Ele não gostava de ser lembrado disso.

– Sua esposa está doente – anunciou ele abruptamente, ajeitando as mangas da camisa.

A expressão de Gabriel se alterou.

– O quê?

– Você é um homem inteligente, ou pelo menos é o que dizem. Estou certo de que percebe que tenho certas... habilidades. Uma delas é sentir a doença dos humanos. Não consigo identificar o problema, mas sei que há algo de errado com sua esposa, alguma coisa está fazendo o sangue dela perder ferro. Quando a conheci na Uffizi, há dois anos, senti o cheiro da doença. O que quer que seja ainda a ameaça.

Evidentemente abalado pela revelação, o professor virou a cabeça e olhou para Julianne pela janela.

– Você adquiriu ilustrações que foram roubadas – continuou o Príncipe.

– Eu sou o proprietário original, então as peguei de volta. Deveria ter destruído você, mas, em vez disso, eu o presenteei com uma informação vital sobre a saúde de sua esposa. Acho que concorda que fui mais do que generoso.

Gabriel voltou sua atenção para o Príncipe. Estava claro que ele não sabia em que acreditar, mas seu desejo de proteger a família venceu.

– Vou abandonar a investigação e falar com a Interpol pessoalmente – disse Gabriel entre dentes cerrados. – Não posso ser responsabilizado pelas ações dos outros. Se os italianos decidirem ir atrás de você, o azar é deles.

– Se você retirar a busca, então não teremos mais o que discutir.

O Príncipe lançou um olhar prolongado para o professor, foi até a beirada da varanda e se virou.

Gabriel continuava parado numa postura defensiva na porta do quarto. Colocou a mão sobre a boca, como que para se impedir de chamar a atenção da família.

O Príncipe o encarou com um olhar de pedra.

– Certifique-se de viver o suficiente para garantir que sua filha tenha uma boa vida. Podem acontecer certas coisas às crianças quando perdem o pai.

Ele saltou sobre o corrimão e voou até o solo antes de desaparecer na escuridão.

## CAPÍTULO 2

6 de julho de 2013

Florença, Itália

Ficaram parados por um tempo que pareceu uma eternidade, a jovem humana e o vampiro com muitos séculos de idade, unidos em um abraço desesperado no telhado com vista para a Galleria degli Uffizi.

Era o mais improvável dos casais. No entanto, estava claro para ambos que formavam um par perfeito.

O coração de Raven estava pleno, sua mente, relaxada, seu corpo, saciado. Ele saiu de dentro dela e a pôs no chão sobre pés bambos.

Ajeitou a calça e tirou um lenço do bolso. Sustentando-a com um braço em volta da cintura, levantou sua saia e passou o pano gentilmente entre as pernas dela. Quando terminou, jogou o lenço de lado e cuidadosamente abaixou a saia de Raven.

– Agora que você me deu seu presente, preciso lhe dar o meu.

William acariciou a face dela, com os olhos iluminados.

Raven pôs a mão sobre o peito dele, em cima do coração. Sentiu sob a palma o estranho ritmo e o silêncio quase assustador.

– Esse é o meu presente – disse ela, baixinho. – Pela maneira como você me toca, posso ver que me ama.

Ele ergueu os dedos dela e os beijou, um a um.

– Mas você vai querer o meu outro presente.

– Este é o único que eu desejo. Mas mesmo assim fico feliz em ouvir.

– Amo você – sussurrou ele. – *Defensa*.

Ela sorriu junto ao ombro dele.

– Não sou mais uma criatura ferida; sou uma protetora.  
– Você sempre foi uma protetora. – Ele beijou sua testa, então passou o dedo pela pálida cicatriz que havia ali. – Certa vez você contou que ninguém jamais a defendeu. Hoje vou defendê-la.  
– Como assim? – Ela recuou, confusa.  
– Prometi lhe dar justiça. Sempre cumpro minhas promessas.  
Uma onda de ansiedade a atravessou.  
– William, o que você fez?  
Ele abriu um sorriso vagaroso.  
– Fiz, não; vou fazer. Venha.  
William a puxou com força para junto de si, e os dois subiram para o telhado até seus corpos desaparecerem na noite como uma fina nuvem de fumaça.



Na expectativa do que viria, Raven parou aos pés da grande escadaria da luxuosa *villa* de William.

– Por aqui. – Ele apontou para o corredor.  
Ela olhou com desejo para o segundo andar.  
– Achei que iríamos subir.  
Os olhos cinzentos dele pareceram brilhar.  
– Vamos para a biblioteca.  
Raven havia imaginado que ele a conduziria (ou carregaria) até o quarto, onde fariam amor até o pôr do sol. Ela franziu a testa.  
– Por quê?  
– Você vai ver. – Ele pegou a mão dela, conduzindo-a pelo corredor.  
A biblioteca era um belo cômodo, com estantes que iam do chão ao teto, imensas janelas que cobriam toda uma parede e o teto alto em redoma inteiramente de vidro. Uma luz fraca vinha do lado de fora, mas Raven quase tropeçou na penumbra.  
William acendeu uma vela para ajudá-la. Vampiros são capazes de ver perfeitamente no escuro.  
– Não é nosso destino final – explicou ele. – É apenas o vestíbulo.  
Ele se virou para uma das estantes e empurrou a lombada de um exem-

plar volumoso de Virgílio. Com um ruído, a estante girou, revelando uma passagem escura.

Raven espiou dentro do espaço estreito. Ela não havia gostado da última jornada ao submundo, quando ele a apresentou a alguns de seus colegas vampiros. Não tinha nenhuma vontade de repetir a experiência.

– Eu estava louca para passar a noite na cama com você.

William olhou para ela voraz.

– Estou louco para isso também, pode acreditar. Mas ainda não dei seu presente.

Ela olhou para a passagem.

– Não gosto de surpresas.

– Dessa surpresa, você vai gostar. Eu garanto.

Ele a conduziu por uma escada em espiral, sustentando cuidadosamente o peso dela, já que Raven estava sem a bengala.

O subsolo da *villa* estava úmido. Raven sentiu sua pele arrepiar e deteve William.

– Não pode me dar o presente lá em cima? No seu quarto?

– Tenha paciência, Cassita. – Ele a soltou e alisou o longo cabelo preto dela. – Tudo será revelado.

Eles continuaram por um longo corredor pontuado por uma série de pesadas portas de madeira. Raven podia jurar que tinha ouvido ratos correndo e arranhando o chão atrás deles.

Ela se agarrou a William, até finalmente pararem em frente a uma grande porta de aparência antiga. Estava fechada por fora. Com gestos experientes, ele levantou a barra e a abriu. O corredor ecoou com o barulho das dobradiças enferrujadas.

Ele entrou primeiro na sala, usando a vela que levava para acender as tochas suspensas nas paredes. Logo o espaço úmido e gelado foi banhado por uma luz quente e tremeluzente.

Raven hesitou na soleira. Inicialmente, pensou que a sala fosse uma adega, mas ao observar o interior não encontrou nada parecido com garrafas ou barris de vinho.

Num canto, havia uma velha mesa e uma cadeira. Nas paredes, além dos castiçais de ferro que mantinham as tochas agora acesas, havia um par enferrujado de algemas de ferro atreladas a correntes longas e pesadas. Apenas

a ausência de armas e instrumentos a impedia de acreditar que estava na porta de uma câmara de tortura. Então ela viu.

No canto mais distante da sala havia uma pequena cela feita de grossas barras de ferro do chão até o teto de pé-direito baixo.

A cela não estava vazia.

Ela entrou na sala, esmagando o cascalho espalhado pelo chão de pedra. A umidade parecia exalar do chão, penetrando pelas solas de seus sapatos e subindo por suas pernas nuas. Ela estremeceu.

Dentro da cela estava um homem, deitado no chão. Sua roupa estava suja e rasgada e seu cabelo, desgrenhado. À luz fraca que atravessava as barras de ferro, ela quase podia vislumbrar seu rosto.

Raven levou a mão ao nariz por causa do fedor que emanava do homem, como se ele não tomasse banho havia dias e usasse o chão da cela como banheiro. Curiosa, ela se aproximou.

O prisioneiro escolheu aquele momento para se mover, revelando seu rosto. Raven levou um susto.

– Ah, meu Deus – sussurrou ela, parando onde estava.

William se materializou ao seu lado, levando os lábios à orelha dela.

– Feliz aniversário.

Xingando, Raven cambaleou até a porta. Ela deu apenas três passos antes de despejar o conteúdo de seu estômago no chão.

– Não é a reação que eu esperava. Você está bem?

Ela o afastou, vomitando uma segunda vez. Quando terminou, William tentou puxá-la em direção à cadeira.

– Não.

Raven afastou a mão dele. Ele pareceu intrigado.

– E quanto ao seu presente?

– Que presente?

Trêmula, ela limpou a boca com as costas da mão.

– Eu lhe prometi justiça. – Ele acenou na direção do prisioneiro. – Isso é justiça.

Os olhos de Raven encontraram os de William.

– Como?

William sorriu, seus dentes brancos reluzindo à luz das tochas.

– Eu o trouxe aqui para que você mesma pudesse matá-lo.

## CAPÍTULO 3

Raven sentiu seu mundo girar.  
R – Claro, eu posso matá-lo se você preferir. – Os olhos de William brilhavam. – Não precisa tomar uma decisão agora. Pode refletir sobre os detalhes. Tomei a liberdade de já aplicar nele bastante justiça, mas nada perto do que deve ser feito.

Com uma expressão intensa, ele estendeu a mão em direção ao rosto dela.

– Feliz aniversário, Cassita.

Raven evitou seu toque. Parecia que as paredes se fechavam em torno dela. Precisava escapar.

Contornando o vômito no chão, ela mancou em direção à saída. Sua perna direita incomodava à medida que ela avançava, a dor lhe percorrendo do tornozelo aos quadris.

– Cassita? – William parecia confuso.

Ela o ignorou, continuando a ir em direção à porta.

– Por favor, me ajude.

O sussurro veio da cela. O prisioneiro fez uma série de ruídos, como se estivesse tentando se levantar, e um grunhido escapou de sua boca quando ele caiu de volta ao chão.

Raven deu um passo para fora do quarto.

– Não me deixe com ele! – berrou o prisioneiro. – Ele quer me matar. Ele me empurrou da escada. Acho que minha perna quebrou.



O choque evitou que Raven reagisse aos gritos do homem – o choque e a lenta compreensão do que William havia feito.

O prisioneiro bateu nas barras de ferro.

– Ele é um animal. Por favor, me ajude!

Raven se virou.

– Acha que ele é um animal porque o empurrou escada abaixo?

O prisioneiro não conseguiu entender aquela raiva repentina e inexplicável.

– Ele me sequestrou. Falou que vai me matar!

– Pare com essa merda, David – exaltou-se ela. – Sei que é você.

O homem piscou na direção dela por tempo demais antes de balançar a cabeça.

– Meu nome é Greg. Você precisa me ajudar.

Raven mancou na direção dele o mais rápido que pôde.

– É Jane, seu babaca. – Ela apontou para o próprio corpo. – Talvez você não tenha me reconhecido com minha *perna machucada*.

O prisioneiro agarrou as barras com ambas as mãos, seus olhos frenéticos cravados nos dela.

– Meu nome é Greg. Sou de Sacramento, Califórnia. Nunca a vi antes, juro por Deus.

– Mentira – disse Raven. – Acha que eu não o reconheceria? Acha que eu esqueceria sua voz, seu monstro de merda?

Ela ficou calada por um momento, fervendo de raiva.

– Você abusou da minha irmã!

Raven se abaixou, pegou uma pedra do chão e atirou-a nele. A pedra bateu numa das barras de ferro e o homem recuou um segundo antes do impacto.

– Ela só tinha 5 anos. Era um bebê!

Raven catou mais pedras e seguiu arremessando-as no prisioneiro. Algumas passaram pelas barras, acertando-o no peito.

O homem caiu de costas, usando as mãos para se proteger.

– Meu nome é Greg. Tenho esposa e dois filhos. Nunca a vi antes.

– Mentiroso! – rugiu Raven. – Eu passei noites acordada tentando protegê-la. Você a pegou mesmo assim. Gritei pela minha mãe e você me empurrou escada abaixo para eu me calar. Não vai me calar agora, seu merda

imprestável. Você diz que quebrou a perna? – Ela se abaixou para olhá-lo nos olhos. – Está doendo? Tem medo de nunca mais andar direito?

O homem a encarou como se ela fosse louca.

– Quem se importa com a merda da sua perna? Estou aleijada! Nunca mais vou correr. – Ela cuspiu nele por entre as barras. – Odeio você!

Abafando um grito, ela tentou acertá-lo com os punhos. O homem arastou sua perna ferida e rastejou para os fundos da cela, fugindo dos golpes dela.

– Vocês pegaram o cara errado – reclamou ele. – Juro por Deus, meu nome é Greg. Nunca machuquei ninguém. Precisam acreditar em mim.

Raven cuspiu novamente, agarrando firme as barras de ferro.

– Espero que você queime no inferno. Espero que nunca mais volte a andar!

William surgiu ao lado de Raven e tocou seus dedos fechados. Seus olhos se encontraram. De repente, ela irrompeu em lágrimas.

– Sou inocente. – A voz do prisioneiro ficou mais desesperada. – Juro por Deus, vocês pegaram o cara errado.

William mostrou os dentes e rosnou. Um líquido vazou pela calça do prisioneiro e se espalhou pelo chão. Ele cobriu a cabeça com os braços, enrolando-se como uma bola.

– Mais uma palavra e arranco sua língua.

William gentilmente tirou as mãos de Raven das barras de ferro.

– Não fale com ela.

O prisioneiro tremia no canto e também começou a chorar.

Com um rugido final, William pegou Raven nos braços. Apagou as tochas e a carregou da sala, fechando a porta atrás deles.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)